

## **Rádios Comunitárias. Estudos de caso: EUA e Canadá.<sup>1</sup>**

Mauro Sá Rego Costa<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **Resumo**

Fala-se de modo genérico de rádios comunitárias, embora haja diferenças marcantes entre o que se entende e como atuam as rádios comunitárias em cada região ou país do mundo. Apresentamos estudo de casos, mostrando História e características destas rádios especialmente nos EUA e no Canadá. O estudo acompanha essa história nos EUA, desde o pós-guerra, época de afirmação dos valores democráticos contra a ascensão do espírito da Guerra Fria; e mais tarde, a partir dos anos 70, no Canadá, país engajado em fortalecer a vida dos imigrantes e das minorias.

### **Palavras-chave**

Rádios Comunitárias nos EUA e Canadá; AMARC; Rede das Radio Pacifica; rádios étnicas e rádios indígenas no Canadá.

Fala-se de modo genérico de rádios comunitárias, embora haja diferenças marcantes entre o que se entende e como atuam as rádios comunitárias em cada região ou país do mundo. Neste trabalho apresentamos História e características destas rádios especialmente nos EUA e no Canadá. O estudo acompanha essa história nos EUA, desde o pós-guerra, época de afirmação dos valores democráticos contra a ascensão do espírito da Guerra Fria; e mais tarde, a partir dos anos 70, no Canadá, país engajado em fortalecer a vida dos imigrantes e das minorias.

Num estudo comparativo entre as rádios comunitárias no Brasil e no Canadá, publicado em 2004, Ventura apontava que:

É possível perceber muitas semelhanças e afinidades entre o movimento da radiodifusão comunitária no Brasil e no Canadá. A variedade de definições e perfis acontece em ambos os países e há uma convergência sobre a compreensão do papel social que as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT4 GP Rádio e Mídia Sonora no XXXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2017, Curitiba.

<sup>2</sup> Pesquisador Doutor / PPGCom Faculdade de Comunicação Social, UERJ.

---

rádios comunitárias devem desempenhar nas comunidades nas quais estão inseridas. (VENTURA, 2004, 111)

Mas aspectos específicos são apontados para definir uma rádio comunitária no Canadá e no Brasil:

Os canadenses definem a radio comunitária a partir de três aspectos: trata-se de uma atividade sem fins lucrativos; a comunidade tem controle da propriedade, e está caracterizada pela participação comunitária. (...) [No Brasil] denomina-se rádio comunitária a radiodifusão sonora em frequência modulada (FM), operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias sem fins lucrativos e com a sede na localidade de prestação do serviço. (VENTURA, 2004, 93-94)

Diferentemente da preocupação brasileira com a potência ou aparato técnico das rádios, o governo do Canadá demonstra-se dedicar mais ao cuidado na preservação da própria cultura.

O Governo canadense, através da legislação relacionada à radiodifusão (Radio Regulations, 1986) define como rádios comunitárias ou universitárias tanto as estações que operam em amplitude modulada (AM) quanto aquelas que operam em frequência modulada (FM). (VENTURA, 2004, 98)

Assim, nada das restrições da legislação brasileira à potência de transmissão das comunitárias (na Lei 9612, de fevereiro 1998) a 25 watts, para uma abrangência com o raio de 1 km. Essa questão das restrições de potência de transmissão está igualmente ausente nas regras dos EUA para as comunitárias. O eixo da regulação é que sejam *non-profit* (não-lucrativas) e *listener-sponsorship* (financiadas pelos ouvintes). (BARLOW, 1988.)

É importante lembrar ainda que foi no Canadá, em Montreal, em 1983, que um grupo internacional de radiocomunitaristas fundou o que a partir de 1986, na sua Segunda Assembleia Mundial, em Vancouver, seria a AMARC - Associação Mundial de Rádios Comunitárias – como organização não-governamental internacional. A AMARC, atualmente, já conta com quase 4 mil membros e associados em 150 países. (<http://www.amarc.org/>)

## EUA

O que se pode chamar de movimento por rádios comunitárias, nos EUA, tem início com a fundação da primeira Radio Pacifica, a KPFA em Berkeley, Califórnia, por John Lewis e Lewis Hill em 1946. Os dois eram pacifistas e recusaram-se a lutar na Segunda Guerra sob o princípio da Objeção de Consciência vigente na Constituição americana. Seu propósito na criação da rádio era o de fortalecer a consciência pacifista contra a expansão da ideologia da Guerra Fria, que já se anunciava; além da afirmação do *First Amendment* da Constituição que prega a liberdade de expressão e informação contra qualquer tipo de censura. A rádio só recebeu a concessão e foi ao ar a partir de abril de 1948. (LAND, J., 1997)

Em 1959, entusiasmado com a programação iconoclasta da KPFA, o filantropo Louis Schweitzer, de Nova York doou a licença de sua rádio FM comercial WBAI à Pacifica Foundation, criando-se a Radio Pacifica WBAI de Nova York, que começou a transmitir em 1960. Outras rádios Pacifica surgiram nesse mesmo espírito em Los Angeles (1959), Houston (1970) e Washington (1977). A *Pacifica Foundation* integrando as várias Radio Pacifica coordena hoje uma rede - *Pacifica Network* -, que retransmite alguns de seus programas para 180 outras rádios públicas e comunitárias em todo o país. ([https://en.wikipedia.org/wiki/Pacifica\\_Foundation](https://en.wikipedia.org/wiki/Pacifica_Foundation))

Nos anos 60, a Radio Pacifica teve um papel marcante no fomento à contracultura, de que Nova York foi um dos centros no mundo. Segundo Larry Josephson que dirigiu a rádio nesta época, WBAI "ajudou a fazer os 60s o que eles foram em New York. Todo mundo ouvia". Embora não se contasse com índices de audiência precisos, eram em torno de 600.000 ouvintes semanais, atrás de “rádio livre”: notícias, música, cobertura ao vivo dos protestos, dos *sit-ins*, *be-ins*, *happenings*, teatro de rua. Era uma comunidade de ouvintes engajada, produzindo programas como voluntários, por telefone nos muitos programas com participação de ouvintes e indo a eventos e demonstrações promovidas pela rádio. Em 1971, 30.000 ouvintes contribuía, como assinantes, de 10 a 30 dólares por ano, para manter a rádio.

Pelo final dos anos 60, uma série de novos programas atraiu mais ouvintes. Foi o momento em que entram os Nacionalistas Negros e Porto-Riquenhos, Lésbicas Radicais, Ativistas Asiático-Americanos, Feministas e os recém-instituídos Ecologistas. Nenhum programa particular importava tanto quanto a sequência de tantas posições e vozes diferentes. Firmava-se a ideia de uma “rádio comunitária”. Ao mesmo tempo, a grande demanda da Pacifica se fazia em torno de sua cobertura da guerra do Vietnam e

da sua posição radicalmente contra a guerra. Desde 1965 a WBAI ofereceu a cobertura mais marcante da guerra e do movimento anti-guerra. Em 1965, o diretor de notícias da rádio, Chris Koch foi o primeiro americano a produzir programas direto de Hanoi, ação clandestina pela qual foi despedido da rádio e depois recebido de volta com honra, a partir de campanha de apoio dos ouvintes. Outro jornalista, Dale Minor foi premiado pela cobertura da campanha de Da Nang em 1967 e Seymour Hersh pela história de My Lai em 1969. Tanto a WBAI como as outras estações da Pacífica, faziam uma cobertura diária, pela manhã e à noite, sendo a única mídia nos EUA a fazer uso intensivo da *Agence Française*, única agência de notícias ocidental com uma equipe em Hanoi. A estação também estava envolvida com o Movimento Anti-Guerra, com cobertura ao vivo das demonstrações, teach-ins e greves. A programação em torno do Vietnã criou uma enorme audiência diariamente ligada na WBAI.

Com o fim da guerra, esta situação mudou. Houve uma substancial perda de ouvintes/assinantes da rádio. Sua programação manteve-se centrada nos interesses das minorias: programas gays, do movimento negro incluindo os Muçulmanos Negros e os Black Panthers, feministas radicais e ecologistas. Mas esta coorte de interesses minoritários não foi suficiente para a sustentação financeira da rádio. Muitos programadores aceitaram trabalhar sem nenhuma remuneração, apenas pela força de seu ativismo político. Só recebiam salários os técnicos de áudio e pessoal de manutenção e limpeza das instalações. (LAND, J., 1997)

A partir de meados dos anos 70, houve conflitos seguidos com a mudança constante na cúpula gerencial, intervenções dos Sindicatos de Jornalistas e Radialistas, brigas pelo controle da instituição. A questão financeira é o eixo das dificuldades da WBAI e demais estações da Radio Pacífica, pois a regulamentação de mídia nos EUA define a “rádio comunitária” como uma rádio sustentada somente por seus ouvintes ou apoiadores pessoais, sem direito a verbas publicitárias comerciais e de transmissão de mensagens comerciais. Diferentemente da legislação brasileira, que também proíbe a publicidade comercial, no entanto, não há nenhum limite para a potência de transmissão – a WBAI transmite em 10Kw como qualquer FM comercial de grande porte no Brasil – nem é proibido transmitir em rede, como já vimos.

Especialmente, na WBAI, uma mudança que se tentou para sair da crise foi a redefinição da política da programação para atender mais aos Latinos – que são uma parcela significativa da população novaiorquina – uma rádio TerceiroMundista ou

multicultural. Infelizmente, apesar do apelo ao interesse da população latina, com uma vasta programação musical latinoamericana e mesmo um noticiário em espanhol, a população latina local não tem majoritariamente uma posição política libertária, anárquica ou de oposição que são a marca da rádio. (LAND, J., 1997)

Apesar de todos os conflitos e crises, o espírito anárquico, pacifista e provocador com que nasceram as Radio Pacifica não desapareceu. Até recentemente, talvez até sua saída da direção do governo cubano, a WBAI transmitia, uma vez por ano, uma entrevista com Fidel Castro, diretamente de Havana, por pura provocação. Em 2003, a WBAI posicionou-se contra a invasão americana do Iraque, e toda a cobertura que fez da Guerra, seguindo o mesmo espírito da cobertura à guerra do Vietnam, foi acompanhada pela cobertura do movimento contra a guerra, dos protestos, passeatas e demonstrações organizadas em todos os EUA. Durante o Occupy Wall Street, ocupação feita no Zuccotti Park entre setembro e dezembro de 2011, contra o controle financeiro, a desigualdade econômica pelo mundo afora e a influencia de Wall Street neste quadro, a WBAI ofereceu ao movimento um horário diário de 5 às 6 da tarde, no programa Occupy Wall Street. E, ainda marcante, de 1994 a 2003, Mario Murillo, jornalista e radialista colombiano-americano, produziu o noticiário semanal Our Americas, com a cobertura política e econômica da América Latina feita por correspondentes (jornalistas ou acadêmicos – todos voluntários) selecionados em todos os países da região e sem nenhuma notícia tirada das agências de notícias internacionais – AP, UPI, Bloomberg, Reuters, etc... O programa era transmitido pela WBAI e retransmitido por 100 outras rádios comunitárias espalhadas pelos EUA e Canadá. Estimava-se sua audiência em torno de 10 milhões de ouvintes. Mario Murillo chegou a ser procurado por uma grande cadeia comercial de rádios interessada em “comprar” o programa. A oferta foi de US\$10 milhões e sua recusa foi considerada “escandalosa” no ambiente jornalístico americano.<sup>3</sup>

Mas rádio comunitária nos EUA não se limita à rede Pacifica. Em 1975, foi criada a *National Federation of Community Broadcasters*, organização que já na sua fundação contava com 75 rádios. Atualmente, a *Pacifica Foundation*, além das seis Radio Pacifica originais citadas transmite em rede para outras 180 rádios comunitárias afiliadas.

---

<sup>3</sup> Entrevista do autor com Mario Murillo em set. 2011.

E a partir de 1970 surge também um sistema de rádios públicas a NPR - *National Public Radio* - organização de comunicação social, sem fins lucrativos e de titularidade pública do governo dos Estados Unidos. Financiada por iniciativa pública e privada e, também por doações dos seus ouvintes. Conta com uma rede de 900 emissoras de rádio em todo o país, que transmitem programas produzidos por uma estação central e produzem seus próprios programas locais (<https://en.wikipedia.org/wiki/NPR>). Apesar da reconhecida e frisada independência das estações da NPR, cada uma gerenciada por um conselho eleito localmente, é evidente que a sua criação mostrou uma tentativa de contraponto da área governamental às posições mais frequentemente críticas e “de oposição” que a História da rede Pacífica demonstrou.

Uma análise de conteúdo dos programas *All Things Considered* da NPR e do *Radio News* da Rede Pacífica [seus principais noticiários] mostra significativas diferenças (...) Pacífica transmite uma percentagem mais alta de histórias com o foco no governo e na área internacional, e apresenta uma percentagem maior (...) de ativistas como fontes que a NPR. (STAVITSKY, A.; GLEASON, T. W, 1994.)

## Canadá

A história do Rádio e das rádios comunitárias do Canadá tem um desenho bastante diferente e peculiar. Mostra o interesse do Estado pelo apoio às comunidades de imigrantes, cuja presença é essencial para a própria existência do país com seu grande território insuficientemente ocupado. E desde o início, a criação de rádios comunitárias esteve associada à criação de rádios nas universidades, o que faz, por exemplo, que a associação das rádios comunitárias de língua inglesa inclua as rádios universitárias no mesmo quadro: a NCRA, ou *National Campus and Community Radio Association*.

A primeira rádio canadense, fundada em 1922, foi parte de um experimento de engenharia elétrica no campus da Queen's University em Kingston, Ontario. (ROBINSON; AMARC.)

A maior parte das cidades canadenses com população de mais de 50 000 tem uma estação de rádio comunitária. Mais de 150 projetos de rádios comunitárias são sustentados por doações, publicidade, assinantes e especialmente, no caso de Quebec (Canadá francês) e de rádios indígenas, recebem apoio financeiro federal ou provincial.

As primeiras rádios comunitárias tiveram suas concessões dadas, em fase experimental, pela CRTC - *Canadian Radio-television and Telecommunications Commission* – no início dos anos 70, não sendo permitida a publicidade comercial. Em 1975, a CRTC passou a reconhecer formalmente o status de rádio comunitária, como uma concessão específica, e a permitir um espaço limitado para publicidade. (THECANADIANENCYCLOPEDIA.CA.).

Uma outra categoria de rádio na regulamentação da CRTC são as rádios étnicas, que tem a finalidade de transmitir parte de sua programação para comunidades nacionais ou étnicas. Montreal, por exemplo, tem sete estações classificadas como étnicas. Destas, apenas uma, a Radio Centre-Ville, é uma rádio comunitária.

Para citar algumas: a CFMB 1280 AM, fundada em 1962, transmite principalmente em italiano, mas com programação para comunidades da Argélia, Brasil, Cambodja, China, Grécia, Paquistão, Polônia, Portugal, România, Rússia, Espanha e a comunidade judaica (Website: [cfmb.ca](http://cfmb.ca)); a CHOU 1450 AM (Radio Moyen Orient), no ar desde 2007, transmite principalmente em árabe e dialetos, para comunidades do Líbano, Síria, Egito, Argélia, Tunísia, Marrocos e Armênia – a estação começou em 1996 como uma subsidiária da rádio da Université de Montréal - (Website: [1450am.ca](http://1450am.ca)); a CJWI 1610 AM (CPAM Radio Union), no ar desde 2002, dirigida principalmente para os imigrantes haitianos, transmite em Francês e Creole, para vários grupos étnicos que falam francês (Website: [cpam1610.com](http://cpam1610.com)); a CINQ 102.3 FM (Radio Centre-Ville), no ar desde 1975 (comunitária), transmite em francês durante a semana e em inglês aos sábados, mas com programas em espanhol, chinês, creole, português e grego (Website: [radiocentreville.com](http://radiocentreville.com)); a CKDG 105.1 FM (Mike FM), no ar desde 2004, transmite em inglês nas horas do rush, mas geralmente em grego, também dirigida às comunidades da Armênia, Rússia, Hungria e China (Website: [mikefm.ca](http://mikefm.ca)). (FAGUY, 2012).

A outra categoria marcante na regulamentação de rádio canadense é a das rádios indígenas. A preocupação com a criação de rádios (e TV's) transmitindo nas línguas indígenas surgiu da constatação do declínio do uso e o perigo do desaparecimento destas línguas. Várias pesquisas mostraram que o desenvolvimento de mídia nas línguas indígenas era considerado mais eficaz que a educação, o ensino escolar destas línguas, para a sua preservação. (ABORIGINAL LANGUAGE BROADCASTING IN CANADA, 2004)

No censo de 2011, o total de população aborígine no Canadá foi de 1.400.685 pessoas, ou 4.3% da população do país. ([https://en.wikipedia.org/wiki/Indigenous\\_peoples\\_in\\_Canada](https://en.wikipedia.org/wiki/Indigenous_peoples_in_Canada)). O número preciso de línguas indígenas no Canadá, depende da definição de “língua” que for usada, mas oficialmente fala-se de 53 a 70 línguas. No censo de 1996, apenas 25% da população indígena indicava sua língua indígena como “língua principal” e só 15% do total da população indígena reportava que era sua língua indígena a língua que falavam em casa. (ABORIGINAL LANGUAGE BROADCASTING IN CANADA, 2004.)

Mas desde 1973, o governo canadense já contava com um *Native Communications Program* - Programa de Comunicações Indígenas – para apoiar o desenvolvimento de jornais e rádios em línguas indígenas e de “sociedades de comunicação” locais e regionais. Em 1983, foi lançado o *Northern Native Broadcast Access Program* – Programa de Acesso à Mídia Indígena do Norte - e a *Northern Broadcasting Policy* – Política de Radiodifusão do Norte - . Treze sociedades de comunicação foram fundadas na região norte do país (acima da linha Hamelin) sob o programa NNBP, com verbas de \$40 milhões por quatro anos, para a produção de programação em rádio e TV nas línguas indígenas.

Há, naturalmente, uma grande discrepância entre as rádios indígenas que recebem fundos do programa NNBP, no Norte do país, e aquelas que não recebem fundos, todas com o status de rádios comunitárias na região Sul. As rádios comunitárias são pequenas, independentes e isoladas através do país. Não há nenhuma associação de rádios comunitárias indígenas e além de não receber ajuda financeira, elas tem pouco contato e informação umas das outras. Como Charles Fairchild aponta em seu artigo sobre a CKRZ e outras comunitárias do Sul: o surgimento de um numero crescente de rádios comunitárias nas reservas do sul de Ontario e Quebec foi, em grande parte, uma reação à erosão das linguagens e culturas indígenas em toda a região Sul do Canadá nas últimas duas décadas. (FAIRCHILD, 1998.)

Para estas rádios, o problema principal é o financiamento. A maior parte é gerenciada por voluntários, e é difícil impor uma política ou ditar formatos de programas ou padrões de comunicação.

Mas a questão principal levantada pelos programadores das rádios indígenas foi a necessidade de se reunirem e criarem uma rede. Nenhuma organização ou associação representa as rádios indígenas em nível nacional. Recentemente, alguns



---

grupos reuniram-se para formar esta associação que eles intitularam de *National Aboriginal Communications Council* – Conselho Nacional de Comunicações Indígenas -. Esta organização representaria então a rede de rádios indígenas, as rádios comunitárias indígenas e os produtores em línguas indígenas. (ABORIGINAL LANGUAGE BROADCASTING IN CANADA, 2004.)

## **Conclusões**

Nosso interesse era marcar como são grandes as diferenças entre o que se conhece como rádios comunitárias em diferentes regiões e países no mundo. Escolhemos especialmente os EUA e o Canadá para mostrar como mesmo entre países aparentemente e geograficamente tão próximos são tão específicas e marcantes as diferenças nas experiências com as rádios comunitárias. Há uma grande discrepância temporal na História das comunitárias estadunidenses – a partir do final dos anos 40 - e nas comunitárias canadenses – a partir dos anos 70 – mas o fato é que as comunitárias estadunidenses – com o centro de nosso interesse na Rede Pacífica – continuam no ar , com as mesmas características. Há diferenças marcantes também nas motivações dos produtores e fomentadores de rádios comunitárias nos EUA e Canadá: entre os estadunidenses prevaleceram as motivações do ativismo político, de novas vozes políticas dissidentes, contra o establishment; enquanto no Canadá as motivações são de afirmação de diversidade cultural, tanto no predomínio de comunitárias de língua francesa, no Quebec, quanto nas comunitárias em línguas indígenas ou nas poucas dirigidas às comunidades de imigrantes de muitos países que compõem a população canadense, país com importantes políticas de apoio aos imigrantes.

---

## Referencias Bibliográficas:

### Artigo e/ou matéria de revista, boletim, etc:

BARLOW, W. “Community radio in the US: the struggle for a democratic medium”. *Media, Culture & Society*, SAGE, London, Newbury Park, Beverly Hills and New Dehli, vol.10, 1988, 81-105. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/016344388010001006> Acesso em 05/07/2017.

FAIRCHILD, C., *Below the Hamelin Line: CKRZ and Aboriginal Cultural Survival*. Canadian Journal of Communication, vol23, No2 (1998). Disponível em <http://www.cjc-online.ca/index.php/journal/article/view/1031/937> Acesso em 05/07/17.

LAND, J. “Pacifica’s WBAI. Free radio and the claims of community”. in *Jump Cut*, no. 41, May 1997, pp. 93-101 - *Jump Cut: A Review of Contemporary Media*. Disponível em <https://www.ejumpcut.org/archive/onlinessays/JC41folder/PacificaWBAI.html> Acesso em 04/07/2017.

STAVITSKY, A. G.; GLEASON, T. W. “Alternative Things Considered: A Comparison of National Public Radio and Pacifica Radio News Coverage”. *Journalism & Mass Communication Quarterly*. Vol 71, Issue 4, 1994. Association for Education in Journalism and Mass Communication. Sage Journals. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/107769909407100402> Acesso em 05/07/2017

VENTURA, G. C., “Rádios Comunitária: análise comparativa entre Brasil e Canadá”. *Interfaces Brasil/Canadá*, vol.4, n.1, 2004. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/6455> Acesso em 05/07/2017.

### Artigo e/ou matéria de jornal:

FAGUY, S. A guide to ethnic radio in Montreal. *Montreal Gazette*, 12/08/2012. Disponível em <http://www.montrealgazette.com/news/guide+ethnic+radio+Montreal/7668242/story.html>> Acesso em 05/07/2017.

### Artigo/verbete em Enciclopédia:

THECANADIANENCYCLOPEDIA.CA. *Community Broadcasting*. Disponível em <<http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/community-broadcasting/>> Acesso em 04/07/17.

### Transcrição de palestra:

ROBINSON, Shelley, em palestra na AMARC. Disponível em [http://www2.amarc.org/sites/default/files/SRobinson\\_presentationCanada\\_AMARC30\\_0.pdf](http://www2.amarc.org/sites/default/files/SRobinson_presentationCanada_AMARC30_0.pdf) Acesso em 04/07/2017.

### Documento jurídico:

ABORIGINAL LANGUAGE BROADCASTING IN CANADA. An overview and recommendations to the Task Force on Aboriginal Languages and Cultures. Final report. November, 26, 2004. Disponível em [http://aptn.ca/pdf/en/Aboriginal\\_Language\\_and\\_Broadcasting\\_2004.pdf](http://aptn.ca/pdf/en/Aboriginal_Language_and_Broadcasting_2004.pdf) Acesso em 05/07/2017.

**Documento de acesso exclusivo em meio eletrônico:**

[https://en.wikipedia.org/wiki/Pacifica\\_Foundation](https://en.wikipedia.org/wiki/Pacifica_Foundation)

<https://en.wikipedia.org/wiki/NPR>

[https://en.wikipedia.org/wiki/Indigenous\\_peoples\\_in\\_Canada](https://en.wikipedia.org/wiki/Indigenous_peoples_in_Canada)

<http://www.amarc.org/>

---